

Fraude não está descartada

JOÃO PITELLA JUNIOR

No depoimento à Comissão de Ética, os senadores perguntaram a Regina Célia Borges se, além da violação do sigilo do painel, poderia ter havido mudança dos votos dos senadores. Ela foi enfática: "Isso eu não per-

mitiria nem debaixo de metralhadora." Mas um servidor do Prodasen e amigo de Regina Célia, sentado ao lado da reportagem do **Jornal de Brasília** durante o depoimento, deu uma versão bem diferente (em conversa reservada com outro técnico do Prodasen que o abordou no plenário da Comissão). "Na verdade, nós não nunca poderíamos garantir que não houve a mudança dos votos. Mas combinamos que não iríamos falar sobre isso, para evitar que o Luiz Estevão entre com um recurso contra a cassação."

A conversa ouvida pelo **Jornal de Brasília** continuou: "Um jornalista me pediu para

responder, por escrito, se os votos poderiam ter sido adulterados. Mas resolvemos não dizer nada. Para não ter que mentir, ficamos quietos", disse o servidor, narrando a tática que, segundo ele, havia sido combinado com Regina Célia. Ele confidenciou, ainda, que na sua avaliação Regina estava se saindo muito bem no depoimento.

De fato, ela não caiu em contradições durante as cinco horas de perguntas dos senadores. Tanto que acabou recebendo elogios de vários deles, como José Eduardo Dutra e Eduardo Suplicy (PT-SP). "A senhora cometeu uma irregularidade, mas não deve receber

a pena máxima, como a demissão com perda dos direitos trabalhistas, porque está sendo corajosa e ajudando o nosso trabalho", disse Suplicy.

Regina contou que a sua casa foi invadida "por dois elementos", depois de as denúncias sobre a quebra de sigilo terem sido divulgadas. Ela falou, também, sobre os diversos encontros com o chefe de gabinete de Arruda, Domingos Lamoglia. "Gostei dele, era uma pessoa afável", disse. "Quando eu disse ao Domingos que iria contar toda a verdade, ele ficou apavorado. Depois, me ligou contando que o senador iria negar tudo, e então eu percebi que a partir

daquele momento era cada um por si", completou.

A diretora explicou, ainda, porque demorou tanto a contar a verdade. "O meu compromisso era não envolver os *meninos* (os colegas do Prodasen), pois eles não são senadores, mas também têm honra e família. Quando eu vi que poderia sobrar para eles, resolvi assumir a culpa, pois jamais faria o que fizeram comigo", desabafou.

Outro ponto forte do depoimento foi a narração de um dos encontros de Regina com Arruda. "Eu havia dito, ao Domingos, que não era idiota e estava tomando as minhas precauções. Depois,

quando fui me encontrar com Arruda, senti que ele estava desconfiado de que eu poderia gravar a conversa", recordou. "Ele começou a fazer perguntas por escrito, dizendo que era mania de engenheiro. E eu respondi: engenheiro misturado com detetive..." Segundo ela, Arruda perguntou se apenas Regina e seu marido, Ivar, conheciam a história da violação. "Eu respondi que sim, mas na verdade o pessoal do Prodasen sabia. Como eu tinha certeza de que eles não comentariam isso com ninguém, mantive a minha versão diante do senador, para evitar mais problemas", contou.